

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

SUÍNOS.....	2
FRANGO	2
LEITE	4
PEIXES	4
MEL	5
CAQUI	6
CEVADA e CEREAIS DE INVERNO	8
SOJA	8

Os dados consolidados da Pesquisa Trimestral do IBGE reafirmam a pujança do agronegócio paranaense, que completa 19 anos consecutivos de liderança nacional na produção de carnes, posição que deve ser mantida com tranquilidade ao longo de 2026. Em 2025, o Estado alcançou marcas históricas: na avicultura, deteve 34,4% do abate nacional com quase 5 milhões de toneladas produzidas; na suinocultura, registrou o maior crescimento absoluto do país, apresentando ganhos notáveis de produtividade com animais mais pesados. Junta-se a isso o crescimento da carne bovina, detalhada em nosso boletim anterior. O setor leiteiro, cujos dados de volume também compõem o levantamento trimestral do instituto, acompanhou esse ritmo recorde com 4,3 bilhões de litros entregues — um salto de 10% que, embora positivo em

produtividade, gerou pressão sobre os preços e insatisfação no campo.

No cenário das grandes culturas, o clima irregular de janeiro e fevereiro forçou o Deral a revisar a projeção da safra de verão para a soja, agora estimada em 21,88 milhões de toneladas devido a perdas de produtividade, especialmente no Norte do Estado. Com a colheita atingindo 82% da área, as atenções se voltam para o inverno de 2026. A primeira estimativa para este ciclo sinaliza uma redução na área plantada de cereais em função dos preços menos atrativos, com exceção da cevada, que deve ganhar espaço impulsionada pela forte demanda das indústrias de malte e pela boa absorção da safra anterior.

No comércio exterior, 2026 revela novas dinâmicas estratégicas. O Brasil iniciou a importação de tilápia do Vietnã, movimento liderado pela maior empresa de proteína animal do mundo. Mas o Paraná segue na vanguarda como o principal exportador de carne de peixe do País. No mercado de mel, onde o Paraná ocupa a vice-liderança nas vendas externas, há um fôlego extra com a recente decisão que derruba as sobretaxas dos EUA sobre o produto brasileiro.

O boletim também traz um panorama sobre área e preços do caqui. Boa leitura!

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Em 2025, o Paraná foi o estado que apresentou o maior crescimento absoluto na produção de carne suína, conforme dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE. O Estado atingiu o recorde de 1,226 milhão de toneladas (t) produzidas, um acréscimo de 86,71 mil t (+7,6%) em relação ao ano anterior.

Minas Gerais apresentou o segundo maior crescimento absoluto, com aumento de 69,46 mil t (+11,3%), seguido pelo Rio Grande do Sul, com incremento de 67,46 mil t (+7,1%), e pelo Mato Grosso do Sul, com 36,97 mil t a mais (+14,4%). O crescimento nacional totalizou 297,14 mil t (+5,5%).

Com esse desempenho, o Paraná ampliou a participação na produção nacional de carne suína de 21,3% para 21,7%, mantendo-se como segundo maior produtor. Santa Catarina liderou o ranking com 1,601 milhão de t produzidas (28,3% do total), enquanto o Rio Grande do Sul ocupou a terceira colocação, com 1,018 milhão de t (18,0% do total).

No que se refere ao número de animais abatidos, o Paraná registrou o terceiro maior crescimento absoluto. No Estado, foram abatidos 12,877 milhões de suínos – novo recorde –, um aumento de 457,3 mil animais

(+3,7%) em comparação com 2024. Minas Gerais liderou esse indicador, com acréscimo de 760,7 mil suínos (+11,3%), seguido pelo Rio Grande do Sul, com aumento de 692,5 mil animais (+6,8%). No Brasil, o crescimento foi de 2,513 milhões de animais (+4,3%).

A expansão da produção de carne em ritmo superior ao aumento do número de suínos abatidos indica ganhos de produtividade no Paraná, associados ao abate de suínos com maior peso médio. Em 2025, o peso médio no Estado alcançou 95,2 kg por cabeça, representando um aumento de 3,8% (3,5 kg por animal) em relação ao ano anterior.

Para 2026, projeta-se continuidade no crescimento da produção, impulsionada pela expectativa de aumento da demanda nos mercados interno e externo, considerando o papel estratégico do Paraná no fornecimento de carne suína.

FRANGO

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Trimestral de Abates de Animais, divulgada em 18/03, o abate nacional de frangos de corte alcançou 6,690 bilhões de aves nos quatro trimestres de 2025, correspondendo a uma elevação de 3,1% sobre igual período de 2024 (6,489 bilhões de

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

aves), alcançando novo recorde da série histórica iniciada em 1997.

O abate de 201,340 milhões de cabeças de frangos a mais em 2025, em relação a 2024, foi determinado por aumento no abate em 23 das 26 unidades da federação que participaram da pesquisa.

Entre aquelas com participação acima de 1,0% no total do país, houve avanços significativos em: Paraná (+67,09 milhões de cabeças), São Paulo (+43,69 milhões de cabeças), Goiás (+28,39 milhões de cabeças), Santa Catarina (+27,26 milhões de cabeças) e Rio Grande do Sul (+18,75 milhões de cabeças). As quedas mais significativas ocorreram no Mato Grosso do Sul (-3,91 milhões de cabeças) e no Mato Grosso (- 1,28 milhão de cabeças).

No 4º trimestre de 2025, foram abatidas 1,71 bilhão de cabeças de frangos. Esse resultado significou aumento de 5,7% em relação ao mesmo período de 2024 e alta de 1,5% na comparação com o 3º trimestre de 2025.

Já no tocante ao volume de carne produzida no acumulado de janeiro a dezembro de 2025, tem-se um montante de 14,291 milhões de toneladas, 4,2% maior que nos doze meses de 2024, que acumularam 13,715 milhões toneladas de carne de frango.

Os três estados da região Sul, principais criadores e produtores de carne de

frango, tiveram o seguinte desempenho em 2025 (nº de cabeças e volume de carne produzida: toneladas): Paraná (2,299 bilhões / 4,974 milhões), Santa Catarina (918,216 milhões / 1,914 milhão) e Rio Grande do Sul (760,045 milhões / 1,394 milhão). Além destes, outros três estados da federação destacam-se na criação de frangos de corte: São Paulo (753,826 milhões / 1,693 milhão), Goiás (530,340 milhões / 1,178 milhão) e Minas Gerais (488,085 milhões e 1,049 milhão).

O Paraná participou com 34,4% do abate nacional de frangos em número de cabeças e 34,8% no volume de carne produzida, tendo crescimento no número de animais abatidos de 3% no acumulado de 2025 sobre igual período de 2024 (2,232 bilhões de cabeças e 4,801 milhões de toneladas de carne de frango).

Já o estado de Santa Catarina, com 13,7% do total nacional, experimentou crescimento no abate de frangos da ordem de 3,1% e o Rio Grande do Sul, com participação de 11,4%, teve alta de 2,5%.

Nos três principais estados criadores de frangos de corte, que participaram com 59,5% do abate total nacional, ocorreu a seguinte situação quanto ao abate (nº de cabeças): Paraná (+ 67,085 milhões), Santa Catarina (+ 27,261 milhões) e Rio Grande do Sul (+ 18,752 milhões).

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

Quanto a quantidade de carne produzida, com os três principais estados criadores de frangos de corte, que participaram com 58% da produção total nacional (8,282 milhões de toneladas), ocorreu a seguinte situação (toneladas): Paraná (+ 3,6%), Santa Catarina (+ 4,1%) e Rio Grande do Sul (+ 9,2%).

Da Pesquisa Abate Trimestral de Frangos de Corte, no 4º trimestre de 2025, participaram 306 informantes - unidades em nível de Brasil e 46, no Paraná.

LEITE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a pesquisa trimestral do leite, publicada pelo IBGE, 2025 foi um ano recorde na produção de leite no Paraná. Com 4,3 bilhões de litros entregues aos laticínios, a produção do estado foi aproximadamente 10% maior do que no ano anterior. Esse aumento ajuda a explicar os preços recebidos pelo produtor ao longo do ano, que se mantiveram em patamares mais baixos e geraram insatisfação generalizada no setor.

Na indústria, cada litro de leite cru adquirido custa, em média, R\$ 2,15, segundo a última pesquisa semanal de preços recebidos elaborada pelo Deral, um pequeno aumento em comparação aos R\$ 2,14 registrados na semana anterior. Com a

entressafra de pastagens e período mais frio se aproximando, é possível que o preço aumente no médio prazo, tanto para o produtor quanto nas gôndolas dos supermercados.

PEIXES

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

No mês de fevereiro, observou-se o início das importações de carne de tilápia pelo Brasil. No primeiro bimestre de 2026 foram importadas 1,6 mil toneladas. Desse total, aproximadamente mil toneladas foram nacionalizadas por Santa Catarina. Este volume é pequeno comparativamente ao total que o Brasil importou de pescados no período, que totaliza 57,6 mil toneladas.

Esse cenário de importações de tilápia deve ganhar destaque ao longo de 2026, pois é liderado pela maior empresa de proteína animal do mundo. Trata-se de um segmento que ainda não era incentivado por essa empresa. Nesse contexto, é provável que, nas regiões para onde o produto for direcionado para comercialização, haja aumento da concorrência, o que tende a beneficiar diretamente o consumidor final.

Neste momento, as importações ocorrem com origem no Vietnã, um grande produtor dessa espécie.

Já em relação às exportações, estas totalizaram mil toneladas. O principal estado

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

exportador de carne de tilápia é o Paraná, que, nesse período, embarcou 442 toneladas. O segundo maior exportador foi o estado de São Paulo, com 278 toneladas, seguido pelo Mato Grosso do Sul, com 265 toneladas.

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

No ranking das exportações de mel natural, o estado do Paraná ocupou a segunda posição no acumulado do primeiro bimestre de 2026, com uma receita cambial de US\$ 2,387 milhões, exportando 693 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,44 por quilo.

No mesmo período do ano anterior, o estado exportou 885 t, gerando uma receita de US\$ 2,845 milhões a um preço médio de US\$ 3,21 por quilo.

No primeiro bimestre de 2026, as empresas brasileiras exportaram 3.210 t de mel in natura, gerando uma receita de US\$ 11,204 milhões, de acordo com dados do Agrostat Brasil.

Esse volume representou uma baixa de 40% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram exportadas 5.347 t. O faturamento em dólares experimentou uma retração de 32,1% em comparação com o primeiro bimestre de 2025, que registrou US\$ 16,512 milhões em receita.

O preço médio nacional do mel no período foi de US\$ 3.490,43 por tonelada, representando uma alta de 13% em relação ao valor médio de US\$ 3.088,07 por t no mesmo período do ano anterior.

Minas Gerais liderou o ranking, com US\$ 4,159 milhões em receita, exportando 1.177 t a um preço médio de US\$ 3,54 por quilo. No ano anterior, foram exportadas 1.827 t, com receita de US\$ 5,632 milhões e preço médio de US\$ 3,08 por quilo.

Em terceiro lugar, Santa Catarina registrou uma receita de US\$ 1,068 milhão, exportando 309 t a um preço médio de US\$ 3,46 por quilo. No ano anterior, o estado exportou 979 t, gerando uma receita de US\$ 2,931 milhões a um preço médio de US\$ 2,99 por quilo. O estado da Bahia se destacou em quarto lugar, com uma receita de US\$ 834.006, exportando 239 t a um preço médio de US\$ 3,48 por quilo. No ano anterior, foram exportadas 235 t, gerando uma receita de US\$ 671.288 a um preço médio de US\$ 2,86 por quilo.

Os Estados Unidos da América permanecem na condição de principal destino do mel brasileiro no primeiro bimestre de 2026, recebendo 55,2% de todo o volume exportado (3.210 t), gerando uma receita de US\$ 6,204 milhões a um preço médio de US\$ 3,50 por quilo. No ano anterior, foram importadas 4.519 t, gerando uma receita de

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

US\$ 13,895 milhões a um preço médio de US\$ 3,07 por quilo.

Além dos EUA, outros cinco países, parceiros estratégicos, importaram o mel brasileiro, com destaque para o Canadá, com US\$ 2,759 milhões em receita e 788 t importadas; a Alemanha, com US\$ 1,171 milhão em receita e 308 t importadas; a Polônia com US\$ 292.384 e 124 t; a Filipinas, com US\$ 417.006 em receita e 116 t importadas, e o Reino Unido, com US\$ 280.896 e 81 t.

Sobre exportação para os EUA, o principal comprador do mel brasileiro, vale lembrar que, em 20 de fevereiro de 2026, decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou o tarifaço de 50%, as chamadas tarifas recíprocas. Os setores agropecuários de pescados, mel, uva, tabaco e café solúvel saíram da alíquota de 50% para a tarifa geral de 10% (ou eventuais 15%).

Somente a partir de março e abril do ano corrente é que será possível vislumbrar o impacto da queda da sobretaxa de 50% sobre o precioso mel brasileiro. Fato notável é que no primeiro bimestre de 2026 em relação a 2025, o setor foi acometido de retração de 60,8% no volume embarcado e de 55,3%, na receita cambial.

Outro reflexo evidente, mas desta vez positivo, foi o crescimento de 13,9% no valor da t de mel comprado pelos EUA - 2026: US\$

3.503,22 e 2025: US\$ 3.074,80. Esse alívio tarifário, somado ao crescimento de 13,9% no valor da t paga pelos EUA, abre uma perspectiva otimista para a recuperação do mel brasileiro ao longo do ano.

CAQUI

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

Na fruticultura brasileira, em 2024, o caqui foi cultivado em 8,1 mil hectares (ha), sendo a décima nona fruta em volumes colhidos, a vigésima em Valor Bruto da Produção/VBP – 177,6 mil toneladas (t) e R\$ 664,4 milhões – e a vigésima em área, levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE. (FRUTI/BR 2024: 3,2 milhões de ha; 43,3 milhões de t e R\$ 107,5 bilhões).

A fruta é explorada em oito unidades da federação lideradas por São Paulo (50,9%), Rio Grande do Sul (23,5%) e Minas Gerais (10,7%), que participam com 85,1% das colheitas nacionais. O Paraná responde por 3,7% da produção brasileira. É o quinto em área, volume e VBP, segundo o Instituto.

Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, lidera a produção nacional com 19,0 mil t colhidas e parcela de 10,7% do total nacional, acompanhada pela paulista São Miguel Arcanjo, participe com 9,3% nas 16,5 mil t de caquis retirados dos pomares em 2024. A

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

cultura está distribuída em outros 456 municípios pelo país.

Nos últimos dez anos, a cultura apresentou uma queda de área em 5,6%, quando em 2015 a superfície foi de 8,6 mil ha, a produção retraiu em 7,7% no mesmo período sendo extraídas 192,3 mil t no passado. Um VBP real positivo de 18,1% foi aferido pois angariou-se R\$ 562,5 milhões (deflacionados) em 2015.

As estatísticas de comércio exterior - Agrostat, do Ministério da Agricultura e Pecuária/MAPA apontam que o Brasil exportou 900 t de caquis para 34 países em 2025. A receita gerada com estas vendas alcançou US\$ 1,8 milhão, sendo que os Países Baixos – 19,0% do volume (vol.) e 24,4% do valor (val.) - o Canadá – 17,8% vol. e 23,5% val. - e os Emirados Árabes Unidos – 9,1% vol. e 15,8% val. - concentraram 45,8% das quantidades e 63,7% dos valores envolvidos. Nas importações, a Espanha figura isolada com fornecimento de 923 t e investimentos de US\$ 2,2 milhões. Isto representa 93,7% das quantidades e 99,1% dos recursos financeiros dispendidos para as compras externas da fruta.

No Paraná, o caqui participa com 0,8% das áreas, 0,4% da produção e 0,7% do VBP da fruticultura estadual, sendo a décima terceira fruta em importância na superfície explorada, a 16ª em volumes colhidos e a 17ª

em relação ao VBP. (FRUTI/PR 2024: 53,9 mil ha; 1,4 milhões de t. e R\$ 3,9 bilhões).

Os números do Deral para 2024 apontam uma área de 451,0 ha, produção de 5,5 mil t. e VBP de R\$ 27,5 milhões para o mesmo período. Nos últimos dez anos houve uma redução de 49,1% na área e 55,3% nas colheitas, ocasionada principalmente pela incidência de antracnose nos pomares. O impacto no VBP real deflacionado no período aponta um decréscimo de 19,0%, pois em 2015 o numerário fixou-se em R\$ 33,9 milhões.

A produção estadual está distribuída nos Núcleos Regionais (NR) de Curitiba (29,5%), Ponta Grossa (22,0%), Apucarana (12,7%) e Cornélio Procopio (8,1%), que juntos contribuem com 72,3% dos volumes colhidos. O caqui está ainda distribuído em outros 15 NR's do estado e 153 localidades, sendo o município de Arapoti o principal produtor (13,5%), com Bocaiúva do Sul (7,9%) e Mauá da Serra (7,2%) na sequência.

Com a safra se concentrando de março a junho – o fruticultor paranaense recebeu um preço médio de R\$ 115,54/cx20kg (R\$ 5,77/kg) na semana passada, preços que se acomodaram à medida que as colheitas avancem. O varejo praticou na semana anterior R\$ 15,07/kg frente aos R\$ 16,12/kg do mesmo período pretérito, uma redução de 6,52%.

Boletim Conjuntural Semana 13/2026 – 26 de março de 2026

Na Centrais de Abastecimento do Paraná - Ceasas/PR - unidade Curitiba - o caqui importado de origem chilena foi cotado no início desta semana em R\$ R\$ 80,00/cx05kg (R\$ 16,00/kg), enquanto os caquis chocolate e fuyu, ofertados pelos estados do Sul tiveram um preço médio de R\$ 150,00/cx20kg (R\$ 7,50/kg), já os caquis rama-forte e taubaté, de fonte paulista, os preços foram de R\$ 60/cx08kg (R\$ 7,50/kg).

CEVADA e CEREAIS DE INVERNO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Nesta quinta-feira, 26/03, foi divulgada a primeira estimativa de safra de inverno relativa a 2026 para o Paraná, por este Deral. Com o período dos plantios de inverno se aproximando no estado, a área cultivada de trigo deve diminuir (-6%), perdendo espaço para milho, especialmente, mas também para outros cultivos de inverno.

Nesse contexto, a cevada deve ter uma área maior de cultivo mesmo com preços menos atrativos que no ano anterior. Espera-se um incremento de 14% em sua área, passando de 104 mil hectares colhidos em 2025 para 118 mil hectares a serem semeados em 2026. Pesa favoravelmente a esta situação a grande safra obtida em 2025, que mesmo com um grande volume foi totalmente absorvida pelas indústrias de malte. Estas indústrias fomentam a produção,

garantindo a compra futura ainda que seja necessário que se atendam rigorosos padrões de qualidade para aquisição. Caso repita as boas produtividades de 2025, podem ser produzidas mais de meio milhão de toneladas o que ajudaria a diminuir as importações brasileiras, realizada por estas mesmas indústrias.

As aveias, preta e branca, também devem ganhar espaço, com áreas 7% e 3% maiores, respectivamente, completando o quadro dos principais cultivos do período.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Nesta semana, o Deral revisou as projeções para a produção de soja no Estado. A estimativa atual indica que deverão ser produzidas 21,88 milhões de toneladas, volume ligeiramente inferior ao projetado no mês de janeiro.

Essa redução está diretamente relacionada ao clima irregular observado durante janeiro e fevereiro, que afetou as produtividades, principalmente na região norte do Estado.

A colheita alcançou 82% dos 5,77 milhões de hectares plantados neste ciclo. No momento, os trabalhos de colheita concentram-se de forma mais intensa na região sul do Estado.